

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULO ENTRE CRIANÇAS SURDAS E FAMÍLIAS OUVINTES: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA

THE IMPORTANCE OF COMMUNICATION IN BUILDING BONDS BETWEEN DEAF CHILDREN AND HEARING FAMILIES: A SYSTEMIC PERSPECTIVE

LA IMPORTANCIA DE LA COMUNICACIÓN EN LA CREACIÓN DE VÍNCULOS ENTRE NIÑOS SORDOS Y FAMILIAS OYENTES: UNA PERSPECTIVA SISTÉMICA

Ana Paula Rabel Barbosa¹
Júlia Chiminecki Kissula²

RESUMO: A chegada de um filho exige adaptações na dinâmica familiar e, quando acompanhada do diagnóstico de surdez, gera impactos emocionais como negação, medo e incertezas quanto ao futuro. A comunicação surge como um dos principais desafios, já que muitas famílias possuem pouco conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), dificultando a interação e a compreensão das necessidades da criança. Nesse contexto, a Libras se apresenta como ferramenta essencial, permitindo que pais e filhos estabeleçam formas efetivas de comunicação, favorecendo o desenvolvimento linguístico da criança e sua participação no ambiente familiar. O estudo investigou os desafios enfrentados por famílias ouvintes na construção de estratégias comunicativas com filhos surdos antes e após a aquisição da Libras. Participaram quatro mães, entrevistadas por meio de roteiro semiestruturado. As respostas foram analisadas à luz da Psicologia Sistêmica e da técnica de análise de conteúdo, revelando dificuldades iniciais de aceitação do diagnóstico, comunicação frustrada e sobrecarga emocional materna, marcada pela responsabilidade de mediar o convívio familiar. Observou-se que a introdução da Libras fortaleceu vínculos afetivos e promoveu maior autonomia e expressão da criança surda, confirmando a comunicação como eixo central para o desenvolvimento emocional e a funcionalidade familiar.

6207

Palavras-chave: Surdez. Comunicação familiar. Língua Brasileira de Sinais (Libras). Psicologia sistemática.

ABSTRACT: The arrival of a child requires adjustments in family dynamics and, when accompanied by a diagnosis of deafness, generates emotional impacts such as denial, fear, and uncertainty about the future. Communication emerges as one of the main challenges, since many families have little knowledge of Brazilian Sign Language (Libras), hindering interaction and understanding of the child's needs. In this context, Libras presents itself as an essential tool, allowing parents and children to establish effective forms of communication, favoring the child's linguistic development and their participation in the family environment. This study investigated the challenges faced by hearing families in building communicative strategies with deaf children before and after the acquisition of Libras. Four mothers participated, interviewed using a semi-structured script. The responses were analyzed in light of Systemic Psychology and content analysis techniques, revealing initial difficulties in accepting the diagnosis, frustrated communication, and maternal emotional overload, marked by the responsibility of mediating family life. It was observed that the introduction of Libras (Brazilian Sign Language) strengthened emotional bonds and promoted greater autonomy and expression for deaf children, confirming communication as a central axis for emotional development and family functionality.

Keywords: Deafness. Family communication. Brazilian Sign Language (Libras). Systemic psychology.

¹Graduanda de Psicologia do Centro Universitário Univel.

²Docente do Centro Universitário Univel, Especialista em Relações Familiares e Intervenções Psicossociais.

RESUMEN: La llegada de un hijo requiere ajustes en la dinámica familiar y, cuando se acompaña de un diagnóstico de sordera, genera impactos emocionales como negación, miedo e incertidumbre sobre el futuro. La comunicación emerge como uno de los principales desafíos, ya que muchas familias tienen poco conocimiento de la Lengua de Señas Brasileña (Libras), lo que dificulta la interacción y la comprensión de las necesidades del niño. En este contexto, Libras se presenta como una herramienta esencial, que permite a padres e hijos establecer formas efectivas de comunicación, favoreciendo el desarrollo lingüístico del niño y su participación en el entorno familiar. Este estudio investigó los desafíos que enfrentan las familias oyentes al construir estrategias comunicativas con niños sordos antes y después de la adquisición de Libras. Participaron cuatro madres, quienes fueron entrevistadas mediante un guion semiestructurado. Las respuestas se analizaron desde la perspectiva de la Psicología Sistémica y técnicas de análisis de contenido, revelando dificultades iniciales para aceptar el diagnóstico, frustración en la comunicación y sobrecarga emocional materna, marcada por la responsabilidad de mediar en la vida familiar. Se observó que la introducción de Libras fortaleció los lazos emocionales y promovió una mayor autonomía y expresión en los niños sordos, confirmando la comunicación como un eje central para el desarrollo emocional y la funcionalidad familiar.

Palabras clave: Sordera. Comunicación familiar. Lengua de Señas Brasileña (Libras). Psicología sistemática.

I. INTRODUÇÃO

A vivência familiar, sob a perspectiva sistêmica, é entendida como um processo de trocas e influências mútuas entre seus membros. A comunicação tem papel essencial nessa dinâmica, pois permite a expressão de sentimentos, a organização das relações e a adaptação às mudanças. No caso das famílias ouvintes com filhos surdos, esse processo se torna ainda mais desafiador, já que é preciso criar novas formas de comunicação e acolher as diferenças. Antes da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a falta de uma língua comum pode gerar frustração e dificultar o compartilhamento de afetos e significados.

A chegada do diagnóstico da surdez geralmente provoca uma ruptura na organização familiar, exigindo um processo de adaptação que envolve aceitação, aprendizado e reconfiguração dos papéis. Diante desse cenário, compreender como essas famílias constroem vínculos afetivos com seus filhos surdos é fundamental para entender os impactos emocionais e relacionais dessa vivência.

Nesse contexto, a presente teve como objetivo principal investigar os desafios enfrentados por famílias ouvintes na construção de vínculos afetivos com crianças surdas antes do domínio da Libras. De forma complementar, buscou-se compreender a importância da comunicação nesse processo, as dificuldades interacionais antes do aprendizado da Libras e o modo como as famílias lidam com o diagnóstico da surdez.

A relevância deste estudo fundamenta-se na escassez de pesquisas que abordem a dinâmica familiar em contextos de surdez a partir de uma perspectiva sistemática. A ausência de

orientação adequada e o predomínio de abordagens voltadas ao oralismo podem comprometer a funcionalidade familiar, afetando o desenvolvimento emocional e social da criança surda. Assim, compreender as vivências dessas famílias contribui para a promoção de práticas de acolhimento e de intervenção psicológica mais sensíveis às demandas comunicacionais e afetivas desse grupo.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada com mães ouvintes de crianças surdas. As entrevistas foram conduzidas de forma presencial ou online, gravadas com o consentimento das participantes, a partir de um roteiro semiestruturado que possibilitou explorar, de modo flexível, os temas propostos. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, com o objetivo de identificar categorias emergentes relacionadas à comunicação, ao vínculo afetivo e ao processo de adaptação familiar.

A fundamentação teórica aborda a Psicologia Sistêmica, os impactos emocionais da ausência de comunicação compartilhada e os desafios enfrentados pelas famílias, como a escassez de profissionais capacitados, o desconhecimento da Libras e a sobrecarga das mães no papel de mediadoras.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar a compreensão sobre a importância da Libras como instrumento de vínculo e pertencimento no contexto familiar, oferecendo subsídios teóricos e práticos a profissionais que atuam com famílias e com a comunidade surda. 6209

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Comunicação e vínculos familiares sob a perspectiva sistêmica

O pensamento sistêmico constitui uma abordagem que analisa os fenômenos considerando o contexto em que ocorrem e as relações entre as partes e o todo. A palavra “sistema” possui o significado de “colocar junto”, evidenciando a necessidade de compreender os elementos em interação. Nessa perspectiva, cada parte de um sistema não possui propriedades isoladas, elas emergem das relações organizadas entre as partes para formar o todo. Além disso, os sistemas estão inseridos em sistemas maiores, apresentando diferentes níveis de complexidade e interdependência, característica que define a chamada “complexidade organizada” (Gomes *et al.*, 2014).

Gomes *et al.* (2014) apontam que o pensamento sistêmico é uma abordagem contextual, relacional e ambientalista, que comprehende os elementos como redes de relações inseridas em

sistemas maiores. Nessa perspectiva, indivíduos, grupos e famílias são considerados sistemas vivos, em constante interação e adaptação, nos quais as ações de cada membro afetam o funcionamento do conjunto. A análise das partes isoladas não é suficiente para compreender o todo, sendo necessário observar os padrões de interação e os processos que estruturam e mantêm o sistema.

Entre esses sistemas, a família ocupa um lugar central, pois representa um conjunto de relações contínuas e interligadas, nas quais cada membro influencia e é influenciado pelos demais. Dias (2011) corrobora essa visão ao afirmar que a família deve ser entendida como um sistema dinâmico, caracterizado por interações que buscam preservar o equilíbrio do grupo. Assim, qualquer mudança em um de seus integrantes ou nas formas de comunicação repercute em todo o sistema, promovendo ajustes e transformações constantes.

No âmbito familiar, o pensamento sistêmico oferece ferramentas importantes para compreender as relações e a dinâmica entre os membros, possibilitando identificar padrões de interação, corresponsabilizar os indivíduos pelos modos de relacionamento e interpretar comportamentos como produtos das interações dentro do sistema. Assim, a abordagem sistêmica contribui tanto para estudos acadêmicos quanto para intervenções clínicas, reconhecendo que a realidade familiar é complexa, relacional e em constante transformação 6210 (Gomes *et al.*, 2014).

A comunicação, dentro dessa perspectiva teórica, é compreendida como um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve não apenas a transmissão de informações, mas também a interação entre os membros de um sistema familiar. Cerveny (2013) destaca que o processo comunicacional ocorre por meio de um emissor que envia uma mensagem a um receptor através de um canal, gerando feedback que possibilita ajustes na interpretação e na resposta das partes envolvidas. Nesse modelo, os obstáculos à comunicação, tanto no nível do emissor quanto do receptor, são determinados por valores, crenças, experiências anteriores e estados emocionais, tornando cada mensagem única e dependente da percepção individual.

Além disso, a autora ressalta que não se pode não comunicar, ou seja, todo comportamento tem valor comunicativo, inclusive o silêncio, gestos e expressões não verbais também constituem formas comunicativas. Nesse sentido, a comunicação digital (verbal) e analógica (não verbal) coexistem e se complementam, sendo a primeira mais controlável e abstrata, enquanto a segunda se caracteriza pela espontaneidade e maior credibilidade.

Quando se trata da comunicação no ambiente familiar, Cerveny (2013) enfatiza que ela é permeada por ruídos e interpretações subjetivas, ou seja, ouvir apenas o que se deseja ouvir, ignorar informações conflitantes com crenças pré-estabelecidas, avaliar a fonte da mensagem e lidar com significados distintos atribuídos a palavras ou gestos idênticos. Tais elementos demonstram que a comunicação não é linear, mas contextual, sendo moldada pela experiência de cada indivíduo dentro do sistema familiar (Cerveny, 2013).

Dias (2011) destaca que a comunicação é um elemento central para a circulação de informações, emoções e significados entre os familiares, contribuindo para a manutenção do equilíbrio do sistema. Ela estabelece relações e promove vínculos afetivos e intelectuais, sendo essencial para o entendimento mútuo e a resolução de conflitos. Nesse sentido, palavras, gestos e linguagem corporal funcionam como canais de conexão que permitem o funcionamento saudável do sistema familiar.

Silva e Percicotte (2024, p. 1) reforçam que “[...] a prática linguística é determinante e fundamental para o funcionamento dos sistemas familiares”. Assim, uma comunicação intrafamiliar eficaz facilita a adaptação social do indivíduo, enquanto dificuldades nesse processo podem comprometer sua integração no contexto familiar e social.

A importância da comunicação no sistema familiar reside na sua capacidade de reforçar vínculos, facilitar o entendimento e promover a coesão do grupo. Quando há uma comunicação eficaz, o sistema tende a se flexibilizar, permitindo adaptações às mudanças e às dificuldades enfrentadas pelos seus membros. Por outro lado, obstáculos ou barreiras na comunicação podem gerar desentendimentos, afastamentos e desequilíbrios, transformando a interação familiar em um espaço de tensões e conflitos (Dias, 2011). Portanto, a qualidade do diálogo entre os membros é vital para o funcionamento saudável do sistema, influenciando diretamente na estabilidade emocional e na adaptação às mudanças de cada integrante.

Por fim, a comunicação, sob a perspectiva sistêmica, não se limita à simples transmissão de informações, mas abrange a construção de significados, a negociação de relações e a interpretação contínua do contexto familiar. Compreender esses processos permite identificar obstáculos, ajustar interações e promover um diálogo mais efetivo e adaptativo entre os membros do sistema, evidenciando que toda comunicação está intrinsecamente inserida na dinâmica familiar (Cerveny, 2013). Nessa direção, a comunicação é o elemento que sustenta a integração e a harmonia do sistema familiar, constituindo-se como ferramenta essencial para o equilíbrio interno e para a adaptação às transformações inerentes a cada ciclo de vida. Assim,

aprimorar os processos comunicativos no núcleo familiar é fundamental para fortalecer os vínculos e promover uma convivência mais saudável e satisfatória entre seus integrantes (Dias, 2011).

2.2. O diagnóstico da surdez e o impacto familiar

Quando uma gravidez é descoberta e ocorre a chegada do bebê, o ambiente e os hábitos familiares são modificados. Essas mudanças são percebidas principalmente nos primeiros anos de vida da criança, sendo exigidos diversas alterações na dinâmica familiar. Nos casos em que os cuidadores têm a notícia de que a criança possui uma deficiência, surgem desafios ainda maiores que impactam as interações da família com esse bebê, em virtude dos fatores emocionais emergentes (Brito; Dessen, 1999).

O impacto emocional decorrente do diagnóstico da deficiência traz para a família dificuldades a mais que aquelas encontradas por outras famílias, que têm seus filhos considerados saudáveis. Para Prado (2013, p. 85), a deficiência não é algo que os pais escolhem, pois “[...] afinal, ninguém aprende a ser mãe de uma criança portadora de deficiência antes de ter esse filho; antes disso, só se vivencia a sensação de ‘ser mãe’”. Desse modo, a falta de preparo para enfrentar essa nova condição, exige dos familiares o esforço para aceitar, redefinir papéis e mudar sua rotina, podendo gerar conflitos emocionais e intrafamiliares, tornando a adaptação ainda mais complexa. 6212

No caso específico da surdez infantil, os familiares frequentemente experienciam sentimentos de culpa, confusão e desamparo, vivenciando incertezas quanto ao próprio papel e ao futuro da criança. De acordo com o estudo de Silva, Pereira e Zanolli (2008), a reação inicial das mães é predominantemente de choque, sentimento que pode ser intensificado pelo modo como as informações são transmitidas pelos profissionais de saúde. Algumas mães relatam que, ao receberem a notícia, sentem-se perdidas, chorando de volume intenso, o que demonstra uma reação de luto e dor diante da calamidade da situação. Essas emoções dificultam a compreensão e a elaboração do diagnóstico, muitas vezes levando a primeira fase de reação, caracterizada por um afastamento emocional e negação.

A ambivalência de sentimentos se torna presente nesse momento, ora buscando marcas de normalidade na criança, ora enfrentando a difícil tarefa de aceitar a deficiência como parte da identidade da criança e da família. Essa fase de negação ou de tentativa de racionalização ocorre frequentemente com a intenção de evitar sentimentos de tristeza ou de luto, dificultando

a aceitação plena da condição. O relato das mães revela que, muitas vezes, o medo do desconhecido e a falta de informações adequadas aumentam a dificuldade de adaptação emocional (Silva; Pereira; Zanolli, 2008).

Quanto à definição de surdez, ela pode ser entendida como a perda parcial ou total da capacidade de ouvir, dificultando ou impossibilitando a percepção e compreensão de sons. Existem duas formas de se referir à condição: “surdo” e “pessoa com deficiência auditiva”. O primeiro é o termo preferido pela comunidade surda, pois caracteriza o reconhecimento da identidade da pessoa e suas competências linguísticas e cognitivas, além de seu desenvolvimento por meio de experiências visuais. Já o segundo termo é utilizado no contexto clínico, referindo-se diretamente à condição física da perda auditiva. Essa perda pode ser de razões congênitas, ou seja, quando a pessoa já nasce surda, ou adquiridas, ocorrendo ao longo da vida (Morais *et al.*, 2019).

De acordo com dados do Censo 2010, expressos na Cartilha sobre pessoas com deficiência (Brasil, 2012), aproximadamente 45.606.048 brasileiros possuem algum tipo de deficiência, sendo 7,6% totalmente surdos. Em relação às crianças surdas, embora não haja dados precisos, informações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Brasil, 2023) indicam que, dos 47,3 milhões de alunos da educação básica no país, 61.594

 6213 apresentam alguma deficiência auditiva.

Para os surdos, viver em um mundo majoritariamente composto por ouvintes, os faz sentir como estrangeiros em seu próprio país, enfrentando desafios diários, no qual a maior parte da comunicação é de forma oral (Costa; Leite; Tavares, 2018).

Uma criança surda nascida em uma família de ouvintes pode se deparar com esses obstáculos desde cedo, uma vez que os pais, naturalmente, esperam que ela também seja ouvinte, tornando o processo de socialização familiar mais desafiador (Behares, 1993, *apud* Silva; Pereira; Zanolli, 2007). Oliveira *et al.* (2013), destacam que os principais obstáculos enfrentados pelas famílias referem-se à afetividade, à integração e à comunicação, sendo esta última essencial para o desenvolvimento do vínculo entre pais e filhos.

A dificuldade de comunicação entre famílias ouvintes e filhos surdos pode gerar frustração e vergonha entre os pais, especialmente em situações públicas, aumentando o receio de julgamentos externos. Como resultado, muitas famílias acabam evitando ambientes sociais que exigem interação direta, o que pode contribuir para o isolamento tanto da criança quanto

dos responsáveis, restringindo oportunidades de convívio e desenvolvimento comunicativo (Oliveira *et al.*, 2013).

Além das dificuldades comunicativas, outros fatores impactam a dinâmica familiar, como a aceitação do diagnóstico de surdez e o manejo dos sentimentos relacionados a ele, somados à falta de suporte social, médico e familiar. A impossibilidade de acesso pleno à língua oral leva à criação de sinais caseiros, que, embora permitam interações básicas, limitam o desenvolvimento de diálogos complexos. Mesmo quando os pais aprendem Libras, a fluência limitada restringe a comunicação e a expressão das necessidades da criança, tornando fundamental a orientação especializada e o incentivo à aprendizagem contínua da língua de sinais (Cappellini; Santos, 2020; Vicente; Campos, 2023).

2.3. A Libras como ferramenta na interação familiar

A comunicação é a base para a construção de vínculos familiares e para o desenvolvimento integral da criança, e no caso das crianças surdas, a Libras assume papel central nesse processo, pois constitui sua língua natural e meio de acesso ao mundo. Reconhecida como língua oficial do Brasil pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005, a Libras possui estrutura gramatical própria e deve ser compreendida não apenas como recurso comunicativo, mas como instrumento fundamental de inclusão e socialização (Salvador *et al.*, 2016).

O primeiro contato da criança surda ocorre, normalmente, com a mãe e, posteriormente, se estende aos demais familiares. Nesse contexto, a família constitui a base essencial para o desenvolvimento da criança, sendo responsável por criar condições para a aquisição da linguagem e a construção de vínculos afetivos (Salvador *et al.*, 2016). A aquisição da Libras como forma de comunicação depende, em grande medida, da postura familiar adotada. Farias e Braga (2020) destacam que, como a maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, muitas enfrentam obstáculos para o pleno desenvolvimento linguístico. Quando os pais desconhecem ou não demonstram interesse em aprender a língua de sinais, surgem barreiras comunicacionais que podem comprometer a construção de vínculos e o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança (Oliveira, 2020).

Santana (2007, *apud* Salvador *et al.*, 2016), aponta que as famílias apresentam diferentes estratégias para lidar com a surdez de um filho: algumas adotam o bilinguismo, deixando o

ensino da Libras para a escola; outras combinam sinais e fala; algumas ainda optam pelo implante coclear, buscando “solucionar” a surdez.

De acordo com os autores Vicente e Campos (2023), para que a comunicação seja efetiva, é fundamental que toda a família aprenda a Língua Brasileira de Sinais. No entanto, esse processo representa um grande desafio, pois os pais, acostumados à língua oral-auditiva, precisam se reorganizar e adquirir novas formas de comunicação com seus filhos. Além disso, há uma escassez de serviços e profissionais especializados nessa língua, o que dificulta a orientação adequada aos pais sobre como aprender e utilizá-la de forma eficiente.

Em função dessas dificuldades, muitas famílias acabam optando pela oralização do surdo em vez do bilinguismo, considerando teoricamente mais fácil integrar a criança ao universo dos ouvintes. Socialmente, ainda existem barreiras quanto ao desenvolvimento do surdo por meio do bilinguismo, reforçando a ideia de que a criança deve se aproximar ao máximo da realidade ouvinte, o que dificulta a valorização de Libras e da identidade cultural surda (Vicente; Campos, 2023).

Quando a Libras não é utilizada de maneira consistente em casa, observa-se que outra estratégia frequente adotada por crianças surdas e suas famílias é o desenvolvimento de gestos caseiros, simples e restritos ao ambiente doméstico. Esses sinais são criados para permitir a comunicação cotidiana, organizar ideias e representar conceitos, possibilitando uma forma limitada de interação social (Goldfeld, 2002, *apud* Dalcin, 2009, citado por Farias; Braga, 2020).

6215

Apesar de cumprirem funções imediatas, esses gestos não fazem parte da Libras oficial, e sua utilização contínua pode comprometer o desenvolvimento linguístico da criança. Essa situação evidencia a ausência de uma língua estruturada justamente no período em que a criança mais precisa se expressar em diferentes contextos sociais, para interagir, esclarecer dúvidas e participar ativamente de situações de comunicação. Sem o acesso adequado à Libras, sua evolução cognitiva, comunicativa e social fica limitada, dificultando a participação plena da criança na família e na sociedade (Farias; Braga, 2020).

Nessa perspectiva, a aceitação da surdez e o empenho da família em aprender e utilizar a língua natural do surdo revelam-se aspectos essenciais para reduzir os conflitos comunicativos e fortalecer os laços afetivos. Segundo Vicente e Campos (2023), quando a Libras é reconhecida como meio legítimo de interação e incorporada ao cotidiano familiar, o desenvolvimento linguístico e emocional da criança torna-se mais satisfatório, favorecendo trocas comunicativas mais equilibradas e relações familiares mais saudáveis.

3. MÉTODOS

O presente estudo adotou como delineamento metodológico uma revisão narrativa da literatura, aliada a uma pesquisa de campo qualitativa, com análise de conteúdo baseada em Minayo.

Inicialmente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura com o intuito de correlacionar os dados posteriormente coletados com fontes bibliográficas e teorias existentes sobre o tema. Esse tipo de revisão é utilizado para apresentar uma visão atual sobre o assunto sob uma perspectiva teórica ou contextual, não seguindo métodos rígidos de seleção de referências, sendo fundamentado na interpretação crítica do pesquisador (Botelho; Cunha; Macedo, 2011).

Em seguida, a pesquisa de campo foi desenvolvida sob a perspectiva qualitativa, conforme proposta por Minayo (2001), que ressalta a importância de investigar os aspectos subjetivos da realidade social, como crenças, valores e significados, os quais não podem ser quantificados. Essa abordagem busca compreender a dinâmica das relações humanas a partir da análise dos discursos e comportamentos observados no contexto estudado.

Com base na abordagem adotada, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram aos participantes expressar livremente seus pensamentos, sentimentos e reflexões sobre os temas abordados. Esse tipo de instrumento é amplamente utilizado em pesquisas qualitativas por favorecer uma relação dialógica entre pesquisador e participante, permitindo que as respostas emergam de forma espontânea, sem o engessamento de um roteiro fixo. Segundo Rosa e Arnoldi (2008), a entrevista semiestruturada constitui um recurso valioso para apreender significados subjetivos e compreender as percepções individuais a partir da interação comunicativa estabelecida no processo investigativo.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob nº CAAE 89820625.1.0000.0107, com parecer nº 7.668.872, de junho de 2025. Visando o respeito às normas de ética em pesquisa com seres humanos. A divulgação da pesquisa ocorreu nas mídias sociais das pesquisadoras (Facebook e Instagram) e pelo WhatsApp, com convites enviados a grupos e pessoas em contato com a comunidade surda.

O público-alvo deste estudo foi constituído por famílias ouvintes (pais, mães ou responsáveis) que possuem filhos surdos, independentemente da idade destes. A participação foi restrita a indivíduos com idade mínima de 18 anos, sem limite máximo, e não houve critérios de seleção quanto a escolaridade, classe econômica, raça ou sexo, garantindo diversidade na

amostra. Foram incluídos participantes com conhecimento mínimo em Libras ou em processo de aprendizagem, sendo excluídos aqueles que não atendiam a todos os requisitos apresentados.

Após manifestarem interesse em participar da pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e os horários das entrevistas foram agendados conforme a disponibilidade de cada indivíduo. Posteriormente, a coleta de dados foi realizada com a participação de quatro mães de filhos surdos que demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa. As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas de acordo com a preferência das participantes, podendo ocorrer de forma presencial ou virtual. As gravações foram armazenadas de maneira segura, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), e permaneceram acessíveis exclusivamente para fins de pesquisa.

4. RESULTADOS

Serão apresentados e discutidos os dados coletados por meio das entrevistas realizadas. Inicialmente, descrevem-se as características gerais do público amostral que participou da pesquisa, seguidas da análise das respostas, realizada a partir das construções teóricas descritas no referencial utilizado e das interpretações elaboradas pelos autores do estudo. Ressalta-se que a apresentação dos dados se dará mediante a seleção das informações mais relevantes para os 6217 objetivos da pesquisa e da análise.

A pesquisa contou com a participação de quatro mães ouvintes de filhos surdos, cujos níveis de conhecimento em Libras variaram do iniciante ao avançado. Observa-se que a amostra foi composta exclusivamente por mulheres, não havendo a participação de pais ou outros responsáveis. É importante destacar que as pesquisadoras enfrentaram dificuldades no acesso ao público-alvo, o que resultou em um número reduzido de participantes. Alguns potenciais participantes não responderam ao convite e outros negaram-se a participar. A baixa adesão não deve ser interpretada somente como falta de interesse das famílias, mas reflete as dificuldades de acesso e engajamento com este público específico, considerando aspectos culturais, comunicacionais e logísticos relacionados à comunidade surda.

Por se tratar de um pesquisa qualitativa, cujo objetivo principal é compreender de forma aprofundada as experiências e estratégias familiares na comunicação com filhos surdos, a ênfase está na qualidade e relevância das informações coletadas, e não na quantidade de participantes, de modo que a amostra reduzida permitiu explorar detalhadamente as vivências e percepções das mães, contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado.

A comunicação familiar mostrou-se como eixo central na vivência das famílias ouvintes com filhos surdos, refletindo-se diretamente na formação de vínculos afetivos e na adaptação diante do diagnóstico. O diagnóstico da surdez surge como um acontecimento marcante, que provoca abalo emocional e exige reorganização nas relações e nas formas de interação. Esse movimento é coerente com a visão sistêmica apresentada por Gomes et al. (2014), que concebem a família como um sistema dinâmico, composto por interações interdependentes. Para esses autores, qualquer mudança em um dos membros, como o surgimento de uma deficiência, repercute sobre todo o funcionamento do conjunto familiar. Esse impacto torna-se evidente nas falas das participantes, que expressam o abalo e a desorientação diante da notícia: “*Senti meu chão sumir embaixo dos meus pés, eu tinha um filho surdo e não sabia por onde começar*” e “*Para mim foi um baque, um choque... ninguém espera, ninguém quer e ninguém está preparado para isso*”. Tais relatos evidenciam o momento de ruptura emocional e a dificuldade inicial de aceitação que acompanham o processo de adaptação familiar.

Em contrapartida aos sentimentos negativos geralmente associados ao diagnóstico da surdez, uma das mães relatou que a descoberta da deficiência auditiva foi postergada devido a complicações graves de saúde enfrentadas pelo bebê nos primeiros meses de vida, como problemas cardíacos e risco de morte. Nessas circunstâncias, a principal preocupação da família era garantir a sobrevivência da criança, de modo que a suspeita de surdez ocupou um lugar secundário diante das demais urgências médicas. Assim, para essa mãe, o fato de a filha não poder escutar, não representou um impacto emocional tão intenso, conforme expressou: “*eu nem me assustei muito com a surdez, eu só aceitei. Eu já tinha passado por tanta coisa, tantos outros problemas, que eu só queria ter minha filha ali e isso foi uma coisa a mais. Se ela está viva, é o que importa*”.

6218

As reações de choque, negação e medo relatadas pelas participantes confirmam o que Brito e Dessen (1999) identificam como resposta comum ao impacto da deficiência na dinâmica familiar. Segundo as autoras, o nascimento de uma criança com deficiência provoca uma ruptura nas expectativas parentais e exige uma reconstrução dos papéis familiares. Essa necessidade de reorganização é percebida em falas como a de uma mãe que relatou: “*Eu não nasci mãe nem intérprete; mãe eu precisei aprender a ser, mas intérprete não é minha obrigação*”, evidenciando que o processo de adaptação com um filho surdo é desafiador e, muitas vezes, vivenciado como uma cobrança ou sobrecarga emocional. Esse papel involuntário de intérprete, mencionado por diferentes mães, evidencia o acúmulo de responsabilidades emocionais e comunicacionais sobre a figura materna, o que pode gerar exaustão e sentimentos de impotência. “*As vezes me bate o*

desespero, e eu já chorei muito quando eu não consigo entender o que ele quer. Mesmo fazendo Libras, às vezes eu não entendo. Coisas simples, coisas de comer... me machuca muito não saber.' Em consonância com esse sentimento, outra participante ressaltou o peso emocional dessa dificuldade comunicacional: *'Eu me culpava de, como mãe, não entender meu filho. Quem vai entender se nem eu consigo? Eu me sentia inútil'*, revelando o sofrimento decorrente da falta de compreensão mútua e uma cobrança interna quanto ao seu papel materno.

Como um dos principais desafios enfrentados pelas famílias, a dificuldade comunicacional foi evidente em todos os relatos. Inicialmente, por não dominarem a Libras, as formas de se comunicar foram marcadas por incompreensões, mal-entendidos e frustração, aspectos já discutidos por Oliveira et al. (2013), ao apontarem que a ausência de uma língua compartilhada pode gerar distanciamento emocional e enfraquecimento dos vínculos afetivos.

Uma das mães revelou o medo constante de que a filha não conseguisse se expressar plenamente em situações do cotidiano, especialmente naquelas que poderiam representar algum risco: *'Tinha medo de que ela não conseguisse se expressar com as coisas que aconteciam na escola, especialmente por ter professores homens e crianças mais velhas. Mas principalmente pela questão da comunicação, medo de eu não entender.'* Esse receio reflete a ansiedade diante das limitações comunicacionais e do risco de a criança não conseguir narrar suas experiências ou desconfortos, o que compromete a construção de diálogos mais complexos e a mediação emocional entre mãe e filha. Conforme apontam Oliveira et al. (2013), quando não há uma língua compartilhada, o diálogo tende a se restringir ao nível instrumental, dificultando a expressão de sentimentos, pensamentos e vivências internas. Nesse contexto, o medo da mãe não se limita à proteção física da filha, mas expressa a dor de não conseguir alcançá-la emocionalmente.

6219

Algumas famílias tentaram criar gestos próprios ou recorrer a recursos visuais como figuras e desenhos, na tentativa de suprir a falta de uma linguagem comum. Uma das mães relatou: *'Antes ela queria contar, se expressar e eu não entendia. Ela ficava muito frustrada e eu também. Após a Libras nós conseguimos nos comunicar, ela faz o sinal ou a datilologia, e assim eu consigo compreender'*. O trecho revela o quanto a ausência de uma linguagem comum interfere nas interações afetivas e o quanto o aprendizado da Libras possibilitou a reconstrução do vínculo.

O reconhecimento da Libras como meio legítimo de comunicação surgiu, em muitos casos, apenas após tentativas frustradas com a oralização. Algumas mães relataram que, ao seguirem orientações profissionais contrárias ao uso da Libras, enfrentaram grandes dificuldades para se comunicar com os filhos. Uma delas afirmou: *'A recomendação era não usar*

Libras, só estimular a falar, pois senão ela ia querer usar mais a Libras e não ia querer falar. Porém, nós vimos que não estava dando resultado, então começamos com a Libras. Fomos vendo vídeos no Youtube... nós fomos aprendendo e ensinando ela ao mesmo tempo”. Esse relato exemplifica o conflito vivenciado entre as abordagens oralistas e bilíngues, refletindo a tensão entre o desejo de integrar a criança ao mundo ouvinte e a necessidade de reconhecer sua identidade surda. Esse momento de mudança foi vivenciado como um divisor de águas na relação familiar, marcando o início de uma comunicação mais afetiva e recíproca.

De acordo com Vicente e Campos (2023), para que a comunicação seja efetiva, é fundamental que toda a família aprenda a Língua Brasileira de Sinais. No entanto, esse processo é desafiador, pois os pais, acostumados à língua oral-auditiva, precisam se reorganizar e buscar novas formas de interação. Uma mãe afirmou que “*hoje a maior parte da comunicação no mundo é oral, então eu pensei no que era melhor para ela. Tentamos todas as possibilidades de ela falar, pensando nas dificuldades que ela iria enfrentar*” e que, por isso, inicialmente optou pela fala como estratégia principal até perceber que a criança continuava isolada e frustrada. Essa necessidade de reorganização fica clara também na fala: “*Ela sabe mais Libras do que eu, ainda tem coisas que ela tenta explicar e eu não entendo. Ela fica nervosa, mas tenta desenhar ou escrever no celular*”. Além disso, há escassez de serviços e profissionais especializados para orientar essas famílias, o que leva 6220 muitas a optarem pela oralização, acreditando ser uma via mais fácil de integração social, escolha que, segundo os autores Vicente e Campos (2023), pode dificultar a valorização da Libras e da identidade surda.

A introdução da Libras representou, para as famílias, um ponto de virada nas relações afetivas. As mães relataram que o aprendizado da língua de sinais proporcionou maior autonomia às crianças, ampliando sua capacidade de expressão e fortalecendo os laços familiares. Uma delas afirmou: “*Depois que nós duas começamos a Libras, melhorou muito a comunicação. Ela se desenvolveu bastante*”. Outra destacou: “*Após o uso da Libras a confiança aumentou muito, mas o principal foi a comunicação. Hoje ela consegue dizer que não está bem, formular frases e perguntar mais coisas para mim*”. Esses relatos demonstram o papel da Libras não apenas como ferramenta linguística, mas como meio de construção emocional e de fortalecimento do senso de pertencimento. Esses depoimentos confirmam o que Salvador et al. (2016) e Vicente e Campos (2023) defendem: a Libras, como língua natural da pessoa surda, constitui instrumento essencial de interação, afetividade e inclusão no ambiente familiar, promovendo reconhecimento e pertencimento.

Apesar dos benefícios percebidos com o uso da Libras, os relatos também revelam barreiras significativas dentro do próprio núcleo familiar. Muitas mães apontaram que nem todos os membros se envolveram no processo de aprendizado, o que limita a comunicação e reforça sentimentos de isolamento. Uma participante relatou: “*O pai nunca se interessou em aprender, e isso a deixa triste. Ele nunca se adaptou a ela, tem uma questão de rejeição, indiferença e dificuldade de comunicação... e ela não tem vontade de ficar com ele*”. Outra acrescentou: “*A avó dizia que ele tinha problema mental por ser surdo. Ele era tratado como um deficiente mental, ninguém falava com ele, deixavam ele no canto vendo TV sozinho*”. Esses exemplos evidenciam a permanência de estigmas sociais e familiares que associam a surdez à deficiência intelectual, reforçando a exclusão e o afastamento. Fica evidente como a falta de envolvimento familiar amplia as barreiras comunicacionais e emocionais, reforçando preconceitos e dificultando a construção do vínculo familiar.

Os resultados dialogam com o que Dias (2011) e Silva e Percicotte (2024) destacam sobre o papel estruturante da comunicação nas relações familiares. Para esses autores, a comunicação é o mecanismo que garante a coesão, o equilíbrio e a funcionalidade do sistema familiar. No caso das famílias ouvintes com filhos surdos que conseguiram integrar a Libras ao cotidiano, as experiências demonstraram-se mais positivas em relação ao vínculo e ao pertencimento. Uma mãe afirmou: “*Toda a família sabe Libras, os irmãos cresceram aprendendo com ele*”, ressaltando que a inclusão linguística favoreceu não apenas o relacionamento com o filho surdo, mas também a empatia e o respeito mútuo entre os membros. Assim, o domínio da língua de sinais não apenas favorece o desenvolvimento cognitivo e social da criança, mas também contribui para fortalecer os laços entre a família.

6221

De modo geral, as falas das participantes confirmam o que a literatura aponta: a aceitação da surdez e o engajamento familiar no aprendizado da Libras são fatores decisivos para a formação de vínculos saudáveis e para o desenvolvimento emocional e social da criança. Quando a Libras é incorporada ao cotidiano familiar, as relações tornam-se mais próximas, o ambiente mais afetivo e a criança passa a se sentir compreendida e valorizada (Vicente; Campos, 2023). Assim, a comunicação deixa de ser apenas um meio de transmissão de informações e passa a representar um espaço de encontro, escuta e afeto, no qual a linguagem é também expressão de amor e reconhecimento. Desse modo, nas famílias ouvintes com filhos surdos, aprender a se comunicar é também aprender um novo jeito de amar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os desafios enfrentados por famílias ouvintes na construção de vínculos afetivos com crianças surdas antes do domínio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), compreendendo a importância da comunicação nesse processo, as dificuldades interacionais que antecedem o aprendizado da Libras, a adaptação ao diagnóstico da surdez e as principais barreiras vivenciadas pelas famílias.

A análise das entrevistas evidenciou que o diagnóstico da surdez representa um momento de ruptura e reestruturação familiar, marcado por sentimentos de negação, medo e insegurança. As falas das participantes revelaram que a ausência de uma língua compartilhada gera frustração, isolamento e enfraquecimento dos vínculos, tornando a comunicação o eixo central das relações familiares. Com o aprendizado da Libras, observou-se um processo de reconstrução da afetividade e de ampliação da autonomia da criança surda, refletindo-se em maior proximidade e compreensão entre os membros da família.

Além disso, verificou-se que, diante da ausência inicial de conhecimento sobre a Libras, muitas famílias recorreram à oralização e à criação de sinais caseiros como formas alternativas de comunicação. Embora essas estratégias tenham amenizado momentaneamente a dificuldade de interação, mostraram-se insuficientes para sustentar diálogos mais complexos e afetivos. 6222 Também foi possível observar que o envolvimento da família extensa ainda é limitado, revelando resistência ou desconhecimento em relação à língua de sinais. Essa falta de engajamento reforça o isolamento da criança surda e sobrecarrega a figura materna, que se torna o principal elo comunicativo dentro e fora de casa.

Esses achados convergem com a literatura, que reconhece a comunicação como elemento estruturante das relações familiares e a Libras como instrumento essencial para o desenvolvimento emocional e social da criança surda. Tais evidências reforçam a necessidade de políticas públicas e ações educativas que promovam a difusão da Libras entre familiares e comunidades, ampliando o reconhecimento da surdez como diferença linguística e cultural, e não como limitação.

Apesar das contribuições deste estudo, é importante reconhecer suas limitações. A pesquisa contou com um número reduzido de participantes e contemplou apenas mães, o que, embora suficiente para uma análise qualitativa, restringe a diversidade de perspectivas sobre o tema. Diante disso, estudos futuros podem ampliar a amostra, incluindo a visão paterna e comparando diferentes contextos socioculturais, além de investigar como o uso da Libras

influencia, ao longo do tempo, as relações familiares. A combinação de métodos qualitativos e quantitativos também pode oferecer uma compreensão mais abrangente das dinâmicas comunicacionais e afetivas entre famílias ouvintes e filhos surdos.

Em síntese, os resultados reforçam que, embora o processo de aceitação e adaptação seja desafiador, o aprendizado e o uso da Libras constitui fator decisivo para o fortalecimento dos vínculos afetivos e para a funcionalidade do sistema familiar. Compreender esses processos é fundamental para orientar a atuação de psicólogos e demais profissionais, contribuindo para práticas de acolhimento e orientação que promovam o desenvolvimento integral da criança surda e a valorização da comunicação como base das relações humanas.

REFERÊNCIAS

1. BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121–136, 2011.
2. BRASIL. Cartilha do Censo 2010 – pessoas com deficiência. Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 6223 2012.
3. BRASIL. Ministério da Educação. 61,5 mil alunos têm alguma deficiência relacionada à surdez. Portal Gov.br, 2023.
4. BRITO, Angela Maria Waked de; DESSEN, Maria Auxiliadora. Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 2, p. 429–445, 1999.
5. CAPPELLINI, Michele Toso; SANTOS, Lara Ferreira dos. As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações. *Revista Educação Especial*, 2020.
6. CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e comunicação. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org.). *Família E...: Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadição*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 13–24, 2013.
7. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP, 2005.
8. COSTA, Sely Maria de Souza; LEITE, Fernando César Lima; TAVARES, Rosemeire Barbosa (Org.). *Comunicação da informação, gestão da informação e gestão do conhecimento*. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2018.

9. DIAS, Maria Olívia. Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, n. 19, p. 139-156, 2011.
10. FARIAS, Iranilde Oliveira de; BRAGA, Jonathas Oliveira. *Pais ouvintes filhos surdos: barreiras na comunicação*. 2019.
11. GOMES, Lauren Beltrão et al. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando Famílias*, v. 18, n. 2, p. 3-16, 2014.
12. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
13. MORAIS, Carlos Eduardo Lima de et al. *Libras*. Porto Alegre: SER SAGAH, 2019.
14. OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de et al. O impacto do diagnóstico de surdez infantil e suas repercussões na vida da criança e de seus familiares. *Disciplinarum Scientia, Ciências Humanas*, 2013.
15. OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de et al. A importância da família para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da aprendizagem: um estudo teórico. 2020.
16. OLIVEIRA, Nathália Luiza Cândido de. *A família surda: uma análise a partir dos determinantes sociais da saúde*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.
17. PRADO, Ángela Fortes de Almeida. *Família e deficiência*. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org.). *Família E...: Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadição*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 85-98, 2013. 6224
18. ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa - mecanismos para validação dos resultados*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
19. SALVADOR, Janice Aparecida de Souza et al. *Estudos e reflexões sobre Língua Brasileira de Sinais*. Toledo: Editora Fasul, 2016.
20. SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva e; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ZANOLLI, Maria de Lurdes. *Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2007.
21. SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva e; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ZANOLLI, Maria de Lurdes. *Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico*. Estudos De Psicologia, 2008.
22. SILVA, Diego da; PERCICOTTE, Josiane Pereira. A comunicação nos sistemas familiares—uma revisão literária. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 5, p. 2591-2610, 2024.
23. VICENTE, Reginandréa Gomes; CAMPOS, Ana Luíza Valença. A comunicação entre famílias ouvintes e filhos surdos: um estudo exploratório. *Revista Psicologia Saúde & Debate*, 2023.